

Collor prevê acordo rápido para dívida

O Brasil deverá fechar as contas públicas deste ano com um superávit de 1,22 por cento. Foi o que anunciou ontem, em entrevista exclusiva à Voz do Brasil, o presidente Fernando Collor. Na entrevista, com duração de 12 minutos, o presidente ressaltou que a economia dá sinais de recuperação, o que já vem sendo observado pela missão do Fundo Monetário Internacional — FMI que se encontra no País desde a semana passada.

“Se eles fizerem um relatório com base estritamente no que viram, na situação das nossas contas, eu não tenho nenhuma dúvida de que rapidamente teremos equacionada a questão da nossa dívida externa e regularizada a nossa situação com os credores internacionais”, concluiu o Presidente.

Eis a íntegra da entrevista:

Presidente, há pouco mais de 15 dias a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas de São Paulo divulgou um índice mostrando uma queda de meio por cento na inflação, agora sai um índice novo que mostra uma queda de mais de um por cento. Isso significa, na prática, que a inflação está se estabilizando e caindo?

Presidente — Sem dúvida nenhuma. Isso significa que a batalha contra a inflação está sendo vencida pelo Governo, com a participação decisiva, fundamental de toda a sociedade brasileira. Um dos problemas que nós tínhamos no combate à inflação era exatamente essa cultura inflacionária, que fazia com que o cidadão brasileiro achasse que a inflação sempre subiria, e nunca poderia baixar, e nunca poderíamos ter uma economia finalmente estabilizada, e predisposta, assim, ao crescimento. De modo que essa participação da sociedade, que está deixando de lado, abrindo não dessa cultura inflacionária, tendo uma posição responsável diante dessa co-participação que está tendo no enfrentamento direto da inflação, vem sendo coroado de êxito. Esse é um movimento de satisfação para todos nós, brasileiros, que estamos dando uma demonstração não somente aqui mesmo, dentro das nossas fronteiras, mas ao mundo, de que é possível se realizar um trabalho sério, um trabalho correto, e, sobretudo, obstinado, no que tange ao combate, com sucesso, ao processo inflacionário.

Presidente, essa queda chega num momento em que a maioria dos preços está sendo liberada. Isso significa que agora a estabilização veio para ficar, daqui para a frente a gente vai manter o índice só baixo?

— Todos os programas econômicos, de estabilização econômica, de combate à inflação, eram programas que tinham como sua base maior o congelamento total dos preços, o congelamento da economia. Então, dessa maneira, os preços poderiam até cair, como caíram no passado, em relação a outros planos econômicos

tentados e que não tiveram sucesso, mas de uma maneira artificial. Hoje estamos combatendo a inflação com absoluto sucesso ao mesmo tempo com a liberalização dos preços. Ou seja, os preços estão caindo porque têm que cair. E eu queria aproveitar mais esta oportunidade e solicitar a cada um de vocês que nos escuta nesse momento: minha gente, não compre mais do que o necessário. Quando forem a um supermercado, quando forem a alguma loja, quando forem a algum magazine, quando forem a algum botequim, onde quer que seja, procurem sempre comprar o rigorosamente necessário. E, além disso, pechinchem, pechinchem, pechinchem. Porque se não houver muita gente comprando, os preços tendem a cair. O que faz com que os preços subam é muita gente comprando muita coisa ao mesmo tempo, e naturalmente os preços vão subindo. Mas se vocês continuarem a agir como agora estão agindo, pechinchando e comprando rigorosamente o necessário, a inflação, sem dúvida nenhuma, vai continuar caindo, caindo, caindo e aí, sim, nós teremos a valorização do salário do trabalhador e uma economia que

“Há um mês, vários economistas, por uma deficiência acadêmica, diziam que haveria uma recessão brutal, hiperinflação e desemprego. Mas as previsões que eles fizeram dos caos, de catástrofe, na prática não ocorreram”.

pode gerar frutos suficientes para equilibrar essa disparidade de renda, e que todos nós possamos usufruir dos frutos de um desenvolvimento auto-sustentado do Brasil.

Presidente, no primeiro momento do programa econômico houve desemprego em algumas regiões do País. Agora, a Fiesp divulgou um índice mostrando que em São Paulo já começou a ser retomado o nível de emprego. Esse também é um bom sinal? É um sinal de que a economia está se recuperando totalmente?

— Sem dúvida. Todos os sinais são extremamente positivos. Eu fico agora também muito reconhecido a vários economistas que, há um mês, naturalmente por uma deficiência acadêmica, prenunciavam o caos. Diziam que haveria novamente hiperinflação, que haveria recessão brutal,

que haveria desemprego jamais visto na história econômica do País, e, naturalmente, devido talvez a essa deficiência acadêmica, eles não souberam prever com exatidão. Ou seja, as previsões que eles fizeram de catástrofe, de caos, ficaram demonstradas que, na prática não ocorreram. Nós estamos vivendo exatamente o contrário do que eles anunciavam há algumas semanas. Ou seja, queda da inflação, retomada do nível de emprego, a sociedade toda tendo uma expectativa muito favorável em relação ao futuro da nossa pátria. Enfim, todos esses indicadores demonstram que o caminho que adotamos é um caminho correto. Que o programa que estamos implementando é um programa correto. Até porque este programa econômico foi aprovado em duas oportunidades, nas eleições de 15 de novembro e de 17 de dezembro. O programa foi colocado em discussão, foi dado conhecimento à sociedade, e esta, em duas oportunidades, apoiou o programa. Cabe a mim, como Presidente da República e delegado da vontade majoritária do povo brasileiro, implementar esse programa. Então, os dados de um organismo de São Paulo, dizendo que a retomada do índice do emprego já está sendo um fato evidente, sem dúvida é um sinal extremamente positivo, e que demonstra o acerto da política econômica do Governo e o acerto da sociedade em continuar acreditando no Governo, no País, e sobretudo em Deus, que tanto nos tem ajudado e que tanto nos tem dado força, para continuarmos nossa caminhada.

Presidente, apesar disso ainda ocorrem algumas greves, e o Congresso, nesse momento começa a se mobilizar para tentar derrubar o seu veto à política salarial, indexando o salário à inflação. O que pode acontecer se voltar a indexação? E em função a todas greves qual é a sua posição?

— Eu responderia com uma outra pergunta e chamaria a cada um de vocês, que está hoje, agora, nos escutando, a pensar nessa pergunta e tentar responder. Nos últimos 15 anos, aqui no Brasil, nós sempre tivemos os salários indexados. O que isso significa? Significa que a inflação subia, os salários subiam no mesmo percentual, ou seja, os salários corriam atrás do aumento dos preços. Foi isso que aconteceu nos últimos 15 anos. Aí vem a pergunta que eu faço: Será que isso proporcionou, deu ao trabalhador brasileiro um ganho real de salário? Não. O trabalhador tinha, no final do mês, uma quantidade maior de dinheiro em mãos, que dava a ele a falsa ilusão de que ao final daquele mês, ele poderia comprar um maior número de coisas, de objetos, de mantimentos, enfim. E isso não acontecia. Apesar dos reajustes pela indexação, sempre havia uma perda real de salário. Então, indexação significa uma atitude

de que conspira contra o trabalhador. Se nós indexarmos agora o salário, no momento em que nós estamos vitoriosos nessa luta contra a inflação, só teremos duas alternativas: ou levar o País de volta a uma hiperinflação — e aí não teríamos retorno ou, uma outra alternativa, seria lançar o País numa brutal recessão, um a recessão que não deixaria pedra sobre pedra. E nós temos, então, que evitar a recessão, porque temos que buscar uma economia equilibrada e uma inflação baixa. Daí eu ter muita confiança de que o Congresso Nacional, pelas vozes responsáveis que constituem esta instituição, possa fazer valer o bom senso, possa fazer valer a responsabilidade que todos têm nesse processo, impedindo que seja votada essa indexação, e isso acontecendo, que o País seja levado ou a uma hiperinflação — como eu dizia há pouco — ou a uma brutal recessão.

O Governo passado registrou três anos consecutivos de supersafra. Agora em 1990, por alguns erros na agricultura, vamos ter uma quebra de dez por cento. Qual é a sua expectativa para os próximos anos, para a produção de alimentos no Brasil?

“Se os técnicos do FMI fizerem um relatório com base estritamente no que aqui viram, eu não tenho nenhuma dúvida de que rapidamente teremos equacionada a questão da nossa dívida externa e regularizada a situação com os credores”.

— Não pode haver nenhum processo auto-sustentado de desenvolvimento e de prosperidade de um País, sem que esse processo não esteja assentado no setor primário, ou seja, na agricultura. Nós temos compromissos fundamentais com o homem do campo, com o produtor rural, temos um compromisso fundamental com a produção de alimentos que vai matar a fome de milhões e milhões de brasileiros. Naturalmente, nós estamos pegando safras passadas, nós estamos a menos de cinco meses no Governo. Já fizemos muita coisa e muita coisa mais será feita. O nosso objetivo é de chegar ao final do nosso período administrativo com o Brasil batendo recordes sucessivos de safras. Com uma política agrícola coerente com a nossa realidade e dando aos produtores as condições necessárias para que

eles possam plantar, recolher do da terra o alimento necessário para matar a fome de milhares de brasileiros e também ter a sua remuneração justa pelo trabalho que ele desenvolve no campo.

Presidente, para encerrar, como é que o senhor pretende encaminhar, a partir de agora, a negociação da dívida externa, já que o FMI está no Brasil, a fim de que todo o seu programa econômico não venha a sofrer qualquer prejuízo?

— O programa econômico é, reconhecidamente, marcado pelo símbolo do sucesso. Mais um a vez, eu nunca me canso de agradecer a toda a sociedade brasileira. A cada um de vocês que está nos escutando agora eu quero agradecer por essa participação, por essa confiança no Brasil, por essa confiança no primeiro governo democraticamente eleito, depois de 20 anos. Eu quero agradecer a cada um de vocês por esta demonstração de solidariedade, que é fundamental para que possamos coroar todo esse processo com a vitória final sobre a inflação e com a retomada do crescimento. O que eu poderia colocar em relação à pergunta, no que tange à questão da dívida externa, é de que este é um dos capítulos do nosso programa econômico. Tivemos o problema da dívida interna, tivemos o problema das nossas exportações, o problema da abertura dos portos aos países amigos, a nova política industrial, a nova política de comércio exterior, a política de privatizações, a reforma administrativa. E tem mais um capítulo aí, que chama a questão da dívida externa, que vem sendo convenientemente tratada pelos técnicos do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento. Os números são muito positivos, a economia está perfeitamente dando sinais da sua recuperação, nós estamos com superávits nas nossas contas, com o nosso orçamento já equilibrado. Déficit público já é coisa do passado, estamos apresentando para 1990 um superávit de 1,22 por cento. Estes são números que ao FMI, ou a qualquer outro instituto ou a qualquer outro organismo financeiro internacional, no mínimo, farão com que esses organismos reconheçam o enorme esforço que nós estamos fazendo para encontrar fórmulas brasileiras para os problemas brasileiros. O que nós desejamos é o que temos certeza que iremos encontrar, é de que esses técnicos, na avaliação que estão fazendo, façam um relatório de acordo com o que eles aqui viram. Se eles fizerem esse relatório com base estritamente no que aqui viram, na situação das nossas contas, eu não tenho também nenhuma dúvida de que rapidamente teremos equacionada a questão da nossa dívida externa e regularizada a nossa situação com os credores internacionais.